

TEXTOS

(Sugestões para Seminários)

VIRTUDES DA DEMOCRACIA (Cândido Mota Filho)

En não nego as virtudes da democracia. Antes de tudo, representa um exercício político capaz de pôr o elemento popular em contato com a administração. Antes de tudo, representa uma força reveladora de capacidades, como foi na Grécia, como foi em Roma, como foi, com Viriato, na lenta gestão da nacionalidade portuguesa. Eduardo Prado chegou a confessar que atribuía a queda do Império, sobretudo, à circunstância de ser uma instituição adiantada demais para o nosso país. E o próprio Antônio Sardinha, monarquista e integralista, que combate a democracia em termos eloqüentes e ríspidos, reconhece a sua utilidade em muitos casos e, entre eles, no caso brasileiro.

No Brasil ela existe como força imperativa. O homem novo, individualista e descobridor, que surgiu no Renascimento humanista, estimulou as orientações pessoais, com o espírito de iniciativa e com o instinto de auto-defesa. As lutas e as correrias nas colônias se desenvolvem justamente como expressões democráticas. O Estado, que se desenha como uma organização apriorística e que toma uma feição imperial e totalizadora, é obrigado, para existir, a ouvir as vozes locais, ao incipiente municipalismo do país. A sua divisão em capitâncias hereditárias, que aparece para muitos escritores como um erro, foi exigência da situação geopolítica do

Brasil... E a República, proclamada em 15 de novembro de 1889, não fez mais que oficializar uma situação que existia de fato.

A monarquia é um sistema orgânico, formada em conseqüência de episódios históricos do Velho Continente. Apoiar-se, principalmente, na tradição, na consciência religiosa e nacional. Porém, no Brasil nada disso havia. Cada homem criando o seu meio, cada um procurando manter-se para não perecer. Cada um completamente afastado do outro, e, portanto, afastado de um sentimento coletivo.

O horizonte de cada um é o horizonte visual e nada mais. A vida amazônica, enfim. A terra fugindo do homem. O homem estrangeiro na terra. Tudo correndo na viagem incógnita de um território em marcha.

Daí a necessidade democrática, que foi compreendida ou adivinhada pelos "sonhadores" de 89. Daí a república como uma volta à naturalidade, como um regime de procuras e descobertas, ou melhor, como um regime de revelações e de esforços atômicos. Ela procura acompanhar a corredeira para impedir transbordamentos desastrosos e ruimentos definitivos.

Porém, essa democracia, assim, não pode deixar de desperdiçar esforços e energias...

A democracia oferecia antes, como ainda hoje oferece, para a sociologia brasileira, "o imenso problema da ordem".

Para que a nacionalidade se incorpore à terra, para que não haja a dispersão das soberanias, para que não haja a invasão de domínios e nem o desrespeito aos poderes e às escalas disciplinares, mistér se torna que haja um esforço coordenador, um esforço que avive enfim a verdade coletiva.

Todos os conflitos brasileiros nascem dessa ausência de um todo nacional. A democracia não encontrou ainda a fórmula para condicionar e disciplinar as tendências. Se há, pelo mundo, hoje em dia, um grave conflito entre a Economia e o Direito, entre nós há mais, há um conflito tríplice entre a Economia, o Direito e a Política.

(Uma grande vida: biografia de Bernardino de Campos, p 30-32. São Paulo, Editora Nacional, 1941)